

SABERES DE MULHERES QUILOMBOLAS EM PERSPECTIVAS AFROCENTRADAS

Tercília Mária da Cruz Silva ◉ 0000-0001-7529-1656

Dr^a. Raimunda Nonata da Silva Machado ◉ 0000-0001-7754-8128
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Este estudo analisa saberes de mulheres quilombolas sobre práticas educativas de alfabetização realizadas pelo Projeto de Extensão EJAI Mulher (PEJAI Mulher). É uma reanálise das trajetórias, vivências e processos de alfabetização das mulheres da Comunidade Quilombola de Laranjeiras/Aldeias Altas/MA, visando compreender a presença da afrodescendência e da Afrocentricidade nas vivências do grupo de quebradeiras de coco-babaçu da região dos cocais maranhenses. Faz uso da pesquisa documental, recorrendo à análise da monografia “Mulheres quilombolas na EJAI: trajetórias, vivências e processos” (SILVA, 2019), subsidiada pela pesquisa bibliográfica, a

partir do conceito de Afrodescendente (BOAKARI, 2010; CUNHA JR, 2001, SILVA, 2015) e Afrocentricidade (ASANTE, 2009; MAZAMA, 2009). Destaca saberes afrocentrados que constituem a comunidade Laranjeiras e sua matriz histórica, cultural e epistemológica, também, em diálogo com as perspectivas de conhecimento hegemônico. Conclui que a análise de saberes de mulheres quilombolas são fundamentais para quem deseja afrocentrar suas pesquisas, reafirmando o protagonismo e as vozes insurgentes desse grupo, suas existências e seus saberes locais ligados aos valores civilizatórios africanos e afrodiáspóricos.

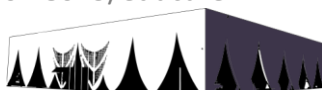
PALAVRAS-CHAVE: Saberes Locais; Mulheres quilombolas; Afrocentricidade.

KNOWLEDGE OF QUILOMBOLA WOMEN IN AFROCENTRAL PERSPECTIVES

ABSTRACT: This paper analyzes the quilombola women knowledges about educational literacy practices carried out by the EJAI Mulher Extension Project (PEJAI Mulher). It is a reanalysis of the trajectories, experiences and literacy processes of women in the Quilombola Community of Laranjeiras/Aldeias Altas/MA, aiming to understand the presence of Afro-descendants and Afrocentricity in the experiences of the coconut-babaçu breakers group in the cocais of Maranhão region. It makes use of documentary research, using the analysis of the monograph "Quilombola women in EJAI: trajectories, experiences and processes" (SILVA, 2019), supported by bibliographic research, pursuing to historicize

the knowledge of quilombola women, situating them in a place (Laranjeiras community), using the concept of Afro-descendant (BOAKARI, 2010; CUNHA JR, 2001, SILVA, 2015) and Afrocentricity (ASANTE, 2009; MAZAMA, 2009). It highlights Afro-centered knowledge that constitute the Laranjeiras community and its historical, cultural and epistemological matrix, also in dialogue with the perspectives of hegemonic knowledge. It concludes that the analysis of quilombola women knowledges is fundamental for those who want to focus their research, reaffirming the role and insurgent voices of this group, their existence and their local knowledge connected to African and Aphrodiásporic civilizing values.

KEYWORDS: Local Knowledge; Quilombola women; Afrocentricity.

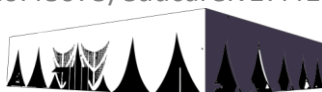


1 INTRODUÇÃO

As diferentes formas de preconceitos e discriminações que geram exclusões contra a população afrodescendente ainda fazem parte do cotidiano da sociedade brasileira e se agrava em momentos de crise política e econômica. Um dos causadores e perpetuadores desse fato explícito em censos e pesquisas é o modo como a nossa própria história vem sendo contada e como as políticas sociais permanecem excludentes para essa parcela da população.

Tendo por base os estudos de Mazama (2009), essa situação pode ser compreendida como resultado da aceitação, sem questionamento, da perspectiva europeia como universal. A colonização europeia nos impôs a cosmovisão ocidental que hoje é percebida através da “colonialidade do poder e do saber” (QUIJANO, 2005). Nós somos ensinadas/os e orientadas/os, a partir de uma perspectiva que universaliza o saber-fazer, sem levar em consideração a diversidade que constitui o nosso país. Resultado disso, é que uma grande parcela da população vive na “sociedade da informação e globalização” de forma marginalizada.

Essa ocupação do espaço psicológico e intelectual, pelos europeus, resulta no “epistemicídio” (CARNEIRO, 2005). Com efeito, essa ocupação do lugar mental africano ocorre por meio do uso de teorias e conceitos europeus como universais e normais e da distorção de ideias africanas, cujas experiências, significados e conhecimentos foram tomadas como primitivas e supersticiosas (MAZAMA, 2009). Em vista disso, considerando a emergência do reconhecimento das formas de saber-fazer outras, que ultrapassa a universalidade que foi imposta, este artigo se propõe a fazer uma reanálise do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, intitulado “Mulheres quilombolas na EJAI: trajetórias, vivências e processos” (SILVA, 2019), oriundo do Projeto de Extensão “EJAI Mulher: a ressignificação dos



saberes femininos”, coordenado pela professora Kelly Almeida de Oliveira, denominado de PEJAI Mulher, especificamente, neste estudo.

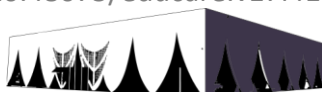
Nessa direção, interessa-nos aprofundar e ampliar a referida pesquisa a luz da perspectiva da Afrocentricidade, incorporando-lhe um novo repertório, no sentido de colocar em discussão os saberes dessas mulheres sobre as práticas educativas de alfabetização que participaram, a partir da caracterização de suas vivências e de sua localização psicológica (ASANTE, 2009).

Para tanto, serão levantados alguns aspectos pertinentes da pesquisa de campo do referido trabalho, analisado como documento, que serão considerados a luz da categoria Afrocentricidade, questionando: quais os saberes que possuem sobre práticas educativas de alfabetização realizadas pelo Projeto de Extensão EJAI Mulher (PEJAI Mulher).

Nesse sentido nos inquietamos por entender: Quem são essas mulheres quilombolas? Essas mulheres são negras? Qual o fenótipo e a base cultural delas? Qual a caracterização do lugar em que vivem? Ele pode ser considerado afrocentrado? O que sabem sobre práticas educativas de alfabetização que já vivenciaram?

A partir dessas questões nos propomos fazer uma reanálise das trajetórias, vivências e processos de alfabetização das mulheres de Laranjeiras, de forma a compreender a presença da afrodescendência e da Afrocentricidade nas vivências das mulheres quilombolas, por meio dos saberes que esse grupo possui sobre práticas educativas de alfabetização. Argumentamos que investigar os aspectos específicos de uma comunidade quilombola são fundamentais para quem deseja afrocentrar as pesquisas, reafirmando o protagonismo e as vozes insurgentes de mulheres quilombolas, suas existências e seus saberes locais.

Segundo Machado (2019, p. 23), “os estudos de/com mulheres afrodescendentes ou mulheres negras tangenciam epistêmês que visam à

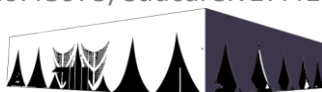


desconstrução de visões científicas estereotipadas”. É nesse sentido que abrimos o diálogo com ênfase nos saberes locais das mulheres quilombolas, rejeitando a cosmovisão europeia como paradigma universal, único e hegemônico.

O estudo se caracteriza como documental, tendo como objeto de análise a monografia “Mulheres quilombolas na EJA: trajetórias, vivências e processos” (SILVA, 2019). Além disso, é subsidiada pela pesquisa bibliográfica, visando historicizar esse objeto no lugar Laranjeiras (Aldeias Altas/MA) e no conceito (Afrodescendente), a partir da abordagem afrocêntrica.

A pesquisa de que se trata o documento analisado, sobre vivências de mulheres em processo de alfabetização na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) foi realizada, no período de março a dezembro de 2018, na comunidade quilombola Laranjeiras, município de Aldeias Altas – MA, localizada a 64 quilômetros do município de Codó - MA. Na ocasião, foi possível acessar os saberes do cotidiano das mulheres quilombolas por meio de práticas educativas de alfabetização orientadas por meio do referencial metodológico de Paulo Freire (1921-1997), especialmente, a sua obra “Conscientização: teoria e prática da libertação” (2001), fazendo uso dos temas geradores.

Tais aspectos serão desdobrados em quatro tópicos deste artigo: as Questões preliminares, discorrendo sobre as definições de afrodescendentes e afrocentricidade; O quilombo de Laranjeiras – lugar de saberes afrocentrados?, que faz um levantamento sobre os aspectos que constituem a comunidade Laranjeiras; Mulheres quilombolas de Laranjeiras: que saberes locais produzem?, que apresenta as mulheres da comunidade e destaca os seus saberes; e os Apontamentos finais, que apresentam a importância dos saberes e experiências das mulheres da comunidade quilombola Laranjeiras, na constituição de uma matriz histórica, cultural e epistemológica que precisa



urgentemente dialogar com as perspectivas de conhecimento hegemônico, descentralizando-o e colocando-o como um dos múltiplos saberes que organizam e estruturam as experiências humanas.

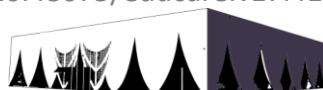
2 QUESTÕES PRELIMINARES...

Com um breve panorama histórico-social da constituição do nosso país, observamos marcas de ruptura com o horizonte simbólico africano advindas do sistema escravocrata (ANDRÉ, 2007), cujas experiências foram causadoras de danos determinantes para as relações sociais discriminatórias que se perpetuam até os dias de hoje.

Enquanto um grupo social foi privado da liberdade de expressão corpóreo-mental, proibido do direito de falar e de manifestar a sua sabedoria, cultura e crenças em solos brasileiros, outros exerceram o domínio de corpos e mentes. André (2007) reflete que não só os corpos físicos foram sequestrados, mas também as práticas sociais, os saberes e fazeres, o sentir e o pensar dos povos africanos trazidos para o Brasil.

Essa população de escravizados/as faz parte da nossa constituição de povo brasileiro e nos instiga à reflexão sobre quais elementos poderiam caracterizar uma pessoa afrodescendente no Brasil, considerando os conhecimentos que foram mantidos e ressignificados, a partir de experiências oriundas da matriz africana, transcendendo a referência única baseada no fenótipo.

No Brasil “há uma multiplicidade de autodefinições de cores da pele em decorrência da mistura étnica” (SILVA, 2015, p. 45) causando assim discussões em torno do termo afrodescendente. Para Cunha Jr (2001, p. 01) “a Afrodescendência é o reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana”. Ser afrodescendente, em meio às tensões que o conceito de negro provoca, significa o reconhecimento e pertencimento da



cultura afro-brasileira, dos valores civilizatórios afro-brasileiros, cuja decisão é política. Para Silva, o termo afrodescendente:

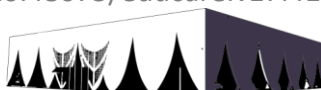
contém dimensão política que enfatiza a relação original com o Continente Africano, ligando o Brasil ao “berço da humanidade”. Ao mesmo tempo atualiza esse pertencimento e denuncia a condição de desvantagem em que se encontram as/os descendentes de África. Mais que modismo, Afrodescendente é termo polissêmico que evoca realidades diversas; provoca discussão e o olhar a condição dos brasileiros e das brasileiras descendentes dos povos africanos (2015, p. 51).

É importante enfatizar que os afrodescendentes são marcados pela discriminação não somente por atitudes de base fenotípica explícitas em nossa sociedade, mas também pela ausência de seus saberes e seus feitos nas produções acadêmicas, e até mesmo nas escolas. Este grupo é nomeado e marcado pela disseminação das narrativas eurocêntricas da história do Brasil como forma de marginalizá-lo e invisibilizá-lo. Nesse sentido, Abdias Nascimento, destaca que:

a memória do afrodescendente brasileiro vem sendo agredida sistematicamente pela estrutura de poder e dominação há quase quinhentos anos. Semelhante fato tem acontecido com a memória do negro africano, vítima, quando não de graves distorções da mais crassa negação do seu passado histórico (2009, p. 197).

Ter consciência dessa agressão psicológica e da situação de desvantagem com a qual vivem a população afrodescendente no Brasil, nos instiga a pensar os muitos aspectos que os inferiorizam e deslegitimam esses povos atualmente. Assim, destacamos lugares que consideramos ser ocupados/praticados por afrodescendentes.

Especialmente, nos interessa adentrar no universo das mulheres quilombolas a partir da abordagem educacional, destacando os saberes oriundos das suas experiências com alfabetização, à luz da afrocentricidade.

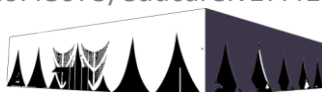


Desvelar as experiências de mulheres quilombolas poderá indicar caminhos para compreensão dos motivos pelos quais pode-se adotar o termo afrodescendente para se referir a população negra, descendentes de africanos, mediante a discussão de questões socioculturais que presentificam-se e ressignificam-se na constituição da comunidade, em seus saberes e em sua ancestralidade, visto que o silenciamento e o apagamento das experiências de povos africanos nas diásporas resultaram em sociedades marcadamente discriminatória.

Nesse sentido, utilizamos o conceito de Afrocentricidade, na análise dos saberes das mulheres quilombolas da comunidade Laranjeiras. É importante ressaltar que o uso do termo afrodescendente não foi uma forma de identificação adotada pelas mulheres de Laranjeiras. Refere-se ao nosso olhar com viés afrocêntrico, buscando localizar este grupo com suas necessidades estruturais, a partir de suas características fenotípicas e dos elementos que constituem a comunidade em que vivem.

Nessa perspectiva, aderimos a Afrocentricidade como um caminho teórico de análise dos saberes e práticas de mulheres quilombolas brasileiras, mediante as contribuições de Molefi Kete Asante, principal sistematizador deste paradigma, a partir da valorização e reconhecimento da história, cultura, pensamentos e ações africanas. Em Asante (2009), as duas principais características da Afrocentricidade são: a crítica à dominação europeia e o reposicionamento da pessoa africana como agente de sua própria história.

Para Rabaca (2009), a Afrocentricidade é uma orientação metodológica que advoga a análise da história e cultura africanas, seja do continente ou os afro-brasileiros por meio de uma perspectiva africana. Em Ama Mazama (2009) é um paradigma que focaliza o aspecto intelectual, reconhecendo a ideia, conceito ou teoria que constitui o produto de uma matriz cultural africana. Desse modo, “o que define a Afrocentricidade é o papel crucial



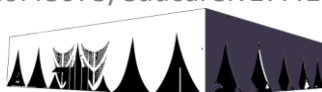
atribuído à experiência social e cultural africana como referência” (MAZAMA, 2009, p. 117).

Estudos na perspectiva da Afrocentricidade tem a cultura africana como base para pensar uma nova abordagem de saberes, conhecimentos, experiências (ASANTE, 2009). Estudiosos afrocentristas estão preocupados em investigar e afirmar o lugar ou a posição que a pessoa africana e seus descendentes nas diásporas ocupam na sociedade. Nesse sentido, a localização é um dos elementos importantes na constituição de projetos afrocêntricos, pois não se limita a posição física dos agentes, mas sim ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa (ASANTE, 2009, p. 96).

A localização das mulheres quilombolas de Laranjeiras é fundamental na identificação e compreensão de seus saberes. Na perspectiva de Asante (2009), instiga-nos a questionar qual o lugar ocupado por essas mulheres em relação a cultura brasileira e suas experiências em assumir o papel de agente, protagonista e articuladora de recursos que proporcionem condições favoráveis para sua existência (NOGUERA, 2010) na comunidade de Laranjeiras e, assim, constituir agências próprias de resistências e ressignificações.

Nessa ótica, a “agência é a capacidade de dispor de recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade” (ASANTE, 2009, p. 94). É “escrever, registrar e pensar a partir de uma topologia africana” (NOGUERA, 2010, p. 04), que não implica ser originalmente africano, mas que se identifica com sua história e cultura, ressignificando-a na sociedade brasileira, nas suas comunidades, por meio da valorização e reconhecimento da marcação fenotípica e cultural de base africana historicamente desprestigiada.

Desse modo, a agência das mulheres quilombolas de Laranjeiras se constitui um campo de pesquisa relevante para destacarmos seus saberes quanto as suas práticas educativas de alfabetização, com atenção ao



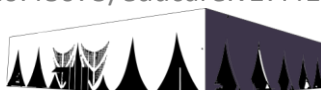
reconhecimento do seu papel de protagonista na produção desses saberes, e nas suas capacidades de utilização dos recursos intelectuais e políticos nos diversos processos de produção do conhecimento e constituição da comunidade (NOGUERA, 2010), a partir do contato com as experiências de alfabetização do PEJAI Mulher.

Portanto, discutiremos sobre alguns saberes presentes no processo de alfabetização do PEJAI Mulher, com pertencimento ligado a experiências africanas e que constituem as relações sócio-educacionais da comunidade Laranjeiras. Para tanto, caracterizamos, a seguir, a comunidade quilombola Laranjeiras, destacando alguns elementos importantes que lhe aproxima da produção de saberes locais afrocentrados.

3 O QUILOMBO DE LARANJEIRAS – LUGAR DE SABERES AFROCENTRADOS?

As comunidades quilombolas se constituem como lugar de resistência e re-existência da população negra, uma (re)ação às formas de opressão que os/as negros/as escravizados/as enfrentam. Para Abdias Nascimento (2009), os quilombos resultaram no esforço dos/as africanos/as escravizados/as em não aceitar esse destino, resgatar sua liberdade e dignidade através da organização de uma sociedade livre, embora, na lógica escravista, esses lugares eram vistos como um “aglomerado de criminosos contra a sociedade” (DIAS, 2020, p. 76), visão eurocentrada, de marginalização desses grupos.

Os quilombos foram/são movimentos reivindicatórios da liberdade, locais de preservação e resgate das memórias agredidas e violentadas no processo de colonização. Como declara Maia (2012), reduzir os quilombos como o lugar de escravos fugitivos apaga as lutas por dignidade humana, justiça social e minimiza o papel histórico e social que a população escravizada teve em busca de sua libertação.

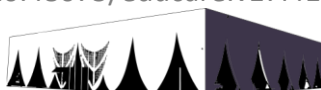


Atualmente, embora tenhamos legislação que considere os direitos dos quilombolas, a exemplo, dentre outras, da Lei Federal nº 7.668 de 22 de agosto de 1988, que autorizou constituir a Fundação Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura na época, visando “promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988), esses lugares de possibilidades de vivências afrocentradas vêm resistindo ao descaso das políticas públicas, considerando a hegemonia da história e cultura eurocêntrica entre nós.

As comunidades quilombolas, diante de todo esse enfrentamento histórico, continua lutando por melhores condições de vida, por acesso a direitos fundamentais como: saúde, educação, trabalho, segurança, saneamento básico, além da luta pelo reconhecimento e valorização de sua cultura que são formas de resistência às violações de sua memória e apagamento de sua história.

Sobre a existência da comunidade Laranjeiras, na Carta topográfica do município de Coelho Neto/MA (IBGE, 2020), foi possível conhecer a localização geográfica dessa comunidade, que fica a 44 km a noroeste do município de Aldeias Altas e a 64 km a leste de Codó, áreas situadas na Região dos Cocais Maranhenses, cuja denominação representa a concentração de uma grande quantidade de babaçuais, na transição entre a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga (OLIVEIRA, 2019).

Outra forma de conhecer o lugar é estar lá, “estar situado” (GEERTZ, 2014). Durante a produção da monografia (Mulheres quilombolas na EJAI: trajetórias, vivências e processos – documento de análise deste estudo), estivemos em Laranjeiras. A comunidade está localizada na zona rural do município de Aldeias Altas/MA e tem conexões com o município de Codó por três estradas vicinais. Nessa travessia entre Codó e Laranjeiras, somos conduzidas por grandes riachos, igarapés, canaviais e pequenas comunidades, além da grande mata e babaçuais que ligam os dois municípios.



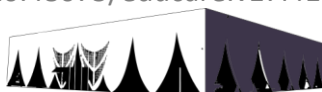
A comunidade tem casas dispostas em forma de círculo, envolta de uma grande clareira que é utilizada como um campo de futebol, que abriga cerca de 43 famílias. As casas são feitas de barro, cobertas por palha e são construídas pelos próprios moradores da comunidade (OLIVEIRA, 2019).

Na monografia não tem fontes ou registros históricos referentes à comunidade. Por meio do diálogo com as moradoras da comunidade, em particular, as participantes do PEJAI Mulher, constatamos que a comunidade Laranjeiras é o local de nascimento do poeta Gonçalves Dias (1823-1864). Existe um memorial no local onde foi moradia deste poeta, funcionando como memorial que recebe visitas de muitas pessoas de outras localidades maranhenses, brasileiras e inclusive estrangeiras.

As principais atividades desenvolvidas em Laranjeiras são: o trabalho na roça, a quebra do coco babaçuⁱ para produção de azeite e a produção de farinha de mandiocaⁱⁱ. São trabalhos desenvolvidos de forma coletiva, nos quais as moradoras e moradores da comunidade e dos arredores se reúnem durante a produção, realizada, na maior parte, manualmente. A quebra do coco babaçu, é uma das atividades mais praticadas, sobretudo pelas mulheres da comunidade que, desde crianças, são ensinadas a sua prática, que consiste tanto na coleta do fruto dentro da mata, como na quebra, extração da amêndoa e na produção do azeite.

Para Dealdina (2020), a existência dos quilombos na história do Brasil representa um projeto de partilha, de viver em comunidade e de coletividade. As mulheres quilombolas tem um papel fundamental para o seu povo, pois tem sido as guardiãs das tradições da cultura afro-brasileira, do sagrado, do cuidado, da preservação dos recursos naturais fundamentais, da cultura material e imaterial. Alinhada, também a este pensamento, Silva nos fala que:

As mulheres quilombolas atuam como um acervo da memória coletiva; com elas estão registradas as estratégias de luta e resistência nos quilombos, os conhecimentos guardados e repassados de geração em



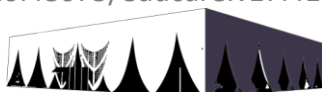
geração. São diferentes formas de produção de conhecimento, através de uma diversidade de saberes, incluindo saberes tradicionais e científicos. Dentre os papéis que desempenham está o de guardiãs da pluralidade de conhecimentos que emergem e são praticados nos territórios quilombolas (2020, p. 54).

As diferentes formas de produção de conhecimentos perpassam o território de Laranjeiras. A circularidade - condição em que as casas estão dispostas - é um elemento característico da cultura africana, estando presentes também nas rodas de samba e nas danças de terreiro de candomblé. A circularidade da comunidade Laranjeiras reafirma a perspectiva coletiva e relacional do seu povo, potencializando as aprendizagens ancestrais e afrocentradas.

O outro ponto é a união como princípio central para realização das atividades de produção na comunidade. A relação das mulheres de Laranjeiras pode ser pensada a partir do princípio de comunidade com na qual nos ensina a filósofa burquinense Sobonfu Somé (2007, p. 35) ao considerar que “as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e acolher umas às outras”. Cada um de nós temos um propósito na terra, e “o objetivo da comunidade é permitir que cada membro possa contribuir com os dons que trouxe ao mundo”. Na doação, na amorosidade, na coletividade é que acontece o grande abraço da comunidade.

Todas essas reflexões foram apoiadas em estudos que realizamos com a participação de 17 mulheres da comunidade Laranjeiras em processo de alfabetização no PEJAI Mulher. A reanálise desse trabalho de pesquisa aponta que o território de Laranjeiras se constitui como lugar de produção de saberes e fazeres repassados de geração em geração e mantidos por seus/suas moradores/as.

Dessa forma, resgatar uma discussão sobre esse espaço a partir de um olhar afrocêntrico, requer considerarmos dois elementos que constituem esse território: a circularidade presente na composição das casas e a coletividade



praticada entre as pessoas da comunidade no desenvolvimento das suas atividades. Esses são os princípios básicos que corporificam um conjunto de aspectos e características da cultura africana que vem sendo mantidos por esse povo.

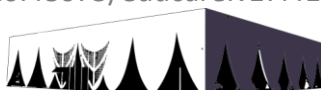
Quem organiza essas relações sociais? Quais saberes tem se apropriado? Há contribuições do PEJAI Mulher na construção desses saberes? Com base em Silva (2019), no tópico a seguir, vamos conhecer as mulheres de Laranjeiras, suas trajetórias e seus saberes.

4 MULHERES QUILOMBOLAS DE LARANJEIRAS: QUE SABERES LOCAIS PRODUZEM?

As mulheres de Laranjeiras produzem sua própria cultura, a partir do território em que vivem. Com a análise do PJAII Mulher partilhamos desse território, considerando que:

Tentar desvelar os significados das memórias coletivas individualizadas, experiências vividas, e explicações de acontecimentos que marcaram a vida de um grupo de mulheres afrodescendentes, consiste num desafio a mais. Pesquisar a vida destas mulheres é compartilhar de suas privacidades que terminam ensinando de como é enorme, apesar de tudo e de todos, a sua força de vontade, a sua perspicácia e resiliência para conseguir o sucesso social negado às afrodescendentes, mas que muitas merecem (BOAKARI, 2010, p. 8).

Diante disso, retrataremos os dados apresentados nos tópicos “Caracterização do campo da pesquisa” e “Entrevistas: quem são as mulheres da EJAI”, postos no trabalho de monografia analisado (SILVA, 2019, p. 43-44). O primeiro apresenta a comunidade Laranjeiras, e o último discorre sobre as mulheres participantes da pesquisa a partir das entrevistas realizadas, trazendo os seguintes dados: naturalidade, idade, tempo de moradia na comunidade, quantidade de filhos/as e ocupação.

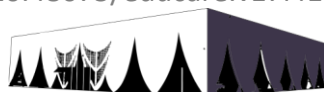


Para isso, consideremos inicialmente as características dessas mulheres que estão dispostas no trabalho analisado: são mulheres de pele escura, de origem pobre e desafiadora e a maioria nasceram na própria comunidade (comunidade quilombola Laranjeiras), umas até relataram nunca ter saído da comunidade para a cidade. São mulheres com idades entre 26 a 55 anos, em sua maioria: casadas, donas de casa, trabalhadoras e mães, sendo que a maioria tem entre 4 a 6 filhos (as). O trabalho desenvolvido por essas mulheres são a quebra do coco babaçu, trabalho artesanal, trabalho na roça e produção de farinha da mandioca, sendo duas delas servidoras públicas pelo município de Aldeias Altas (SILVA, 2019).

Silva (2019, p. 47), apresenta no subtópico “Entre diálogos e esperança”, um diálogo com três participantes do projeto. Através deste diálogo podemos perceber que, em se tratando da escolarização, algumas dessas mulheres não frequentaram a escola ou frequentou por pouco tempo devido a questões de adaptação e por terem que ajudar as mães ou avós no trabalho doméstico, no trabalho na roça e na coleta e quebra do coco babaçu, que já começava na infância para essas mulheres.

Silva (2019) expõe, por meio do diálogo com as participantes do projeto, que algumas dessas mulheres já começavam a trabalhar aos nove anos de idade, ajudando a mãe ou a avó no trabalho com a quebra do coco. Nesse sentido, evidenciou que o trabalho desenvolvido pela maioria dessas mulheres é uma herança cultural de suas ancestrais.

Em vista disso, destacamos a caracterização dos saberes vinculados ao território em que vivem essas mulheres, observando que o acesso as suas experiências, revelam saberes, que são quilombolas. Essa constatação foi possível por meio da realização de práticas educativas constituídas a partir da Educação Popular idealizada pelo educador Paulo Freire, ocorridas no contexto do PJAÍ Mulher, voltado para ações extensionistas de alfabetização.



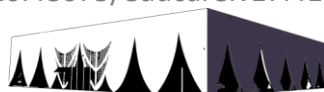
Refletimos sobre esses saberes a partir de pressupostos históricos e sociais, conhecidos como saberes locais (CASTIANO, 2013), que alimentam e retroalimentam a constituição do território de Laranjeiras, em que vivem essas mulheres, a partir da herança ancestral com que vivem e resistem ao descaso político-social. São fundamentos ainda ausentes nas práticas acadêmicas e que, quando adentram esse campo, são vistos como conhecimentos do cotidiano que precisam de inteligibilidade e racionalidade.

Essa perspectiva, pautada nos saberes locais, valoriza o protagonismo das mulheres quilombolas e nos instiga a pensar na legitimação dos saberes, produzidos na comunidade de Laranjeiras, em contextos institucionais de produção e disseminação do conhecimento, a exemplo das universidades e escolas.

Para Castiano (2013) todos nós somos sujeitos pensantes e argumentativos. Os “saberes locais” são todos os tipos de saberes, todas as atitudes e valores que advêm do confronto com os conhecimentos importados e que são respostas à exposição cultural. A ciência é apenas uma forma de saber entre as muitas outras existentes, logo, está presente na invenção, na reinvenção, na relação que fazemos com o mundo e com os outros (FREIRE, 2019), sendo canais de produção e disseminação de saberes plurais. Para Coelho:

os povos quilombolas acumularam muitos saberes ontológicos. Por isso, aqui no Brasil, os quilombos constituem espaços de diversificados de saberes, que o epistemicídio, praticado colonialismo, não foi capaz de extinguir. Logo, assim como a colonialidade permaneceu, operando na tentativa de anular as existências das africanidades, também a ancestratildade e os vínculos de pertencimento dos afrodescendentes a seu passado histórico mantiveram-se vivos através das resistências (2018, p. 389).

Nesse sentido, os processos de alfabetização, desenvolvidos por meio do PEJAI Mulher na comunidade de Laranjeiras e analisados por Silva (2019),

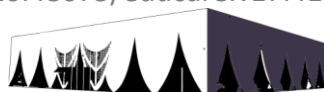


nos permitem problematizar a hegemonia colonial presente na produção de conhecimento e o lugar das comunidades quilombolas na preservação da cultura africana, dos conhecimentos de resistência cultural e pedagógica, considerando as alternativas femininas próprias de superação do modelo de desenvolvimento hegemônico adotado pelo Brasil, que violenta e inferioriza formas de saber/fazer de comunidades tradicionais.

Nas palavras de Jesus (2019, p. 111) “os grupos que compõem a diversidade do país são detentores de cultura e conhecimento, o que contribui para desconstrução de estigmas e estereótipos forjados sobre negras e negros”. Para Almeida (2019, p. 08) “convém ressaltar que os saberes e fazeres das quebradeiras, o local onde vivem, os modos de ser, se ver, pensar e estar no mundo são oriundos da diáspora forçada de seus ancestrais africanos”. Assim, seus saberes estão no trabalho da quebra do coco, na produção da farinha, no artesanato e na roça. São saberes herdados e com significações simbólicas que remontam dos saberes e práticas de seus ancestrais africanos.

Buscar entender e vivenciar aquilo que nos foi negado é um grande desafio, uma “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2008) como forma de devolver a si mesmos a sua história, sua cultura, fugindo às mentalidades e simbologias do eurocentrismo. Essa desobediência incide sobre deixar o ocidente como referência universal e reconhecer as vozes historicamente silenciadas, desfazendo-se da monocultura do saber e realocando em outros caminhos possíveis que permitam ser. Para Mazama (2009) o conhecimento gerado a partir da metodologia afrocêntrica deve ser libertador. Consolidar essa liberdade significa sobretudo, resgatar a verdadeira história de ser africana/o ou descendente de africanas/os.

Assim, analisando o trabalho desenvolvido pelo PJAÍ Mulher, vimos que as práticas de alfabetização trouxeram temas oriundos da própria vivência e história dessas mulheres, a partir da riqueza imaterial do território Laranjeiras, que por sua vez apresenta características coerentes com



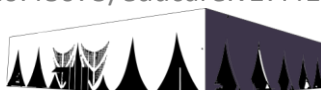
princípios da afrocentricidade. Para Silva (2015, p. 95) “a riqueza cultural de ser gente pode estar no material palpável e no imaterial que constitui os valores, princípios que orientam a conduta de um povo, de uma comunidade”.

Em Laranjeiras, a riqueza que constituem os seus valores aparece nos temas abordados e expostos por Silva (2019, p. 53-54) durante as práticas educativas de alfabetização com as mulheres. Podemos destacar: “A história da comunidade”, onde retratamos a vida do Poeta Gonçalves Dias, fazendo uma visita ao seu memorial; “A farinhada”, produção da farinha que é uma prática recorrente na comunidade, um trabalho coletivo realizado em alguma casa de forno da comunidade; e “A quebra do coco babaçu”, que é o trabalho mais comum desenvolvido principalmente pelas mulheres da comunidade.

Resultado disso foi uma aprendizagem coletiva, pois o acesso aos saberes locais da comunidade nos levou a rever nossas práticas também fora da comunidade e aprimorar o nosso olhar para o vivido e para os perigos da história única (ADICHIE, 2019), tal como vem sendo construídos e disseminados nas escolas. Desenvolver práticas educativas a partir das experiências com as mulheres quilombolas, quebradeiras de coco babaçu de Laranjeiras, ajudou-nos a construir novos significados sobre a nossa constituição de sujeitos afrodescendentes no conjunto da população brasileira diversa e pluriversal.

5 APONTAMENTOS FINAIS

Conceber esse estudo sobre as questões quilombolas é revelar a diversidade epistemológica que temos, visando criar a necessidade de muitas possibilidades de reconstrução de nossas práticas educativas, contrariando a hegemonia dos saberes coloniais, na busca de saberes outros. Situação um tanto desafiadora, pois requer um olhar com o outro e não para o outro.

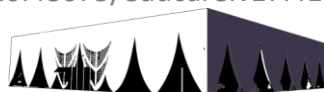


Com base no princípio da Afrocentricidade, que possui centralidade da experiência africana e a libertação dos africanos (MAZAMA, 2009), acessamos os saberes e experiências das mulheres da comunidade quilombola Laranjeiras e evidenciamos manifestações ancestrais da comunidade. Nessa localização ancestral, os saberes e experiências da população afrodescendente possuem matriz histórica cultural, uma epistemologia outra que precisa com urgência ser introduzida e reconhecida nas práticas educativas dos sistemas de ensino da educação básica a educação superior.

Ainda com a presença da força hegemônica do projeto colonial e colonizador, que vem ocultando a história dos afrodescendentes e dos quilombos, vimos movimentos de resistência cultural de valorização da oralidade, em Laranjeiras, como produção de saberes, tal como Coelho (2018) compreendeu em seus estudos. Por essa via da tradição oral, que é um elemento constitutivo da cultura africana, os costumes e hábitos são aprendidos e transmitidos.

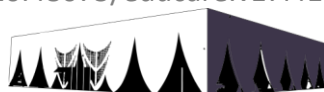
As mulheres quilombolas de Laranjeiras possuem saberes e fazeres intrínsecos à sua comunidade, com os quais resistiram e resistem até hoje, enfrentando o descaso do Estado e mantendo suas raízes, por meio dos ensinamentos de seus antepassados. Suas experiências são importantes na disseminação de novas formas de saberes no interior das escolas e universidades, desenraizando a hegemonia eurocêntrica que desconsidera as experiências africanas e afrodiáspóricas.

Dessa forma, acessar os saberes das mulheres quilombolas significa nos desprender do que nos foi ensinado, desaprender para aprender a ser afrodescendente, reencontrar a si mesmo, ser devolvido às suas origens ancestrais, é perceber as relações que constituem a comunidade, o trabalho desenvolvido, a construção coletiva, a oralidade, a amorosidade das pessoas umas com as outras, o saber-fazer-ser. A comunidade quilombola de Laranjeiras pode nos alfabetizar em cosmovisões plurais e afrodiáspóricas.



REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDRÊ, M. da C. Processos de Subjetivação em Afro-brasileiros: Anotações para um Estudo. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 2, 2007.
- ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- BRASIL. Presidência da República. **LEI Nº 7.668, DE 22 DE AGOSTO DE 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7668.htm. Acesso em: 23 abr. 2021.
- BOAKARI, F. M. Mulheres afrodescendentes de sucesso: confrontando as discriminações brasileiras. *In*: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. **Anais [...]**, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278155240_ARQUIVO_FAZENDGENERO9-2010-BOAKARI.TEXTO.pdf. Acesso em: 01 abr. 2021.
- CARNEIRO, A. S.; FISCHMANN, R. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CASTIANO, J. **Os saberes locais na academia: condições e possibilidades da sua legitimação**. Maputo: Editora Educar; CEMEC; Universidade Pedagógica, 2013.
- CUNHA Jr. H. Africanidade, Afrodescendência e Educação. **Revista Educação em Debate**: Fortaleza, n. 42, v. 2, 2001.
- COELHO, R. F. G. Descolonialidade do olhar: os quilombos como lugares de produção de saberes. *In*: BOAKARI, F. M. (org.). **Descolonialidades e Cosmovisões: pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência**. Teresina: EDUFPI, 2018, p. 387-404.
- DEALDINA, S. dos S. Mulheres quilombolas: defendendo o território, combatendo o racismo e despatriarcalizando a política. *In*: DEALDINA, S. S.



(org.). **Mulheres quilombolas:** territórios de existências negras femininas. São Paulo - Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

DIAS, V. F. Eu Kalunga: pluralismo jurídico e proteção da identidade étnica e cultural quilombola. *In:* DEALDINA, S. S. (org.). **Mulheres quilombolas:** territórios de existências negras femininas. São Paulo - Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

GEERTZ, C. **O saber local:** novos ensaios em Antropologia interpretativa. Editora Vozes - 13ªed., 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Carta topográfica de Coelho Neto/MA.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/folhastopograficas/15809-folhas-da-carta-do-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 22 abr. 2021.

JESUS, I. F. de. História Cultural, educação das relações étnico-raciais e formação de professoras e professores. *In:* MACHADO, R. N. da S.; SILVA, S. P. da. (org.). **Vozes epistêmicas e saberes plurais:** gênero, afrodescendência e sexualidade na educação. São Luís: EDUFMA, 2019, p. 101-113.

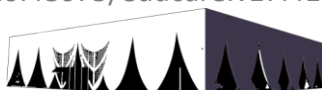
MAIA, J. **Herança quilombola maranhense:** história e estórias. São Paulo: Paulinas, 2012.

MACHADO, R. N. da S. Professoras afrodescendentes no magistério superior: memórias culturais. *In:* MACHADO, R. N. da S.; SILVA, S. P. da. (org.). **Vozes epistêmicas e saberes plurais:** gênero, afrodescendência e sexualidade na educação. São Luís: EDUFMA, 2019, p. 23-34.

MAZAMA, A. A Afrocentricidade como um novo paradigma. *In:* NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade:** uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 111-128.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, 2008, p. 287-324.

NASCIMENTO, A. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. *In:* NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade:** uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 197-218.



NOGUERA, R. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. **Revista África e Africanidades**, ano 3, n. 11., 2010. Disponível em:

https://africaeaficanidades.net/documentos/01112010_02.pdf. Acesso em: 03 abr. 2021.

OLIVEIRA, K. A. de. Entre o machado e o cacete: de um olhar para a um olhar com as quebradeiras de coco babaçu a partir das diferentes matemáticas. In: XXIII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. São Paulo/SP, 2019. **Anais** [...]. Disponível em: <http://eventos.sbem.com.br/index.php/EBRAPEM/EBRAPEM2019/schedConf/presentations>. Acesso em: 09 abr. 2022.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SILVA, E. D. da. **Gente boa da Cancela**. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2015.

SILVA, G. M. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, S. S. (org.). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo - Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

SILVA, T. M. da C. **Mulheres quilombolas na EJAI: trajetórias, vivências e processos**. Monografia de Conclusão do Curso de Pedagogia. Codó: UFMA, 2019.

SOMÊ, S. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.

Recebido em: 23-10-2021

Aceito em: 17-03-2022

ⁱ O babaçu (nome científico: *Attalea ssp.*), também conhecido como baguaçu, coco-de-macaco e, na língua tupi, uauaçu, é uma nobre palmeira nativa da região Norte e das áreas de Cerrado. Encontra-se em formações conhecidas como babaçuais, que cobrem cerca de 196 mil km² no território brasileiro, com ocorrência concentrada nos estados do Maranhão, Tocantins e Piauí, na região conhecida como Mata dos Cocais (transição entre Caatinga, Cerrado e Amazônia). Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/babacu/>

ⁱⁱ Nome utilizado pela comunidade e região. Mas a raiz tem como nome científico: *Manihot esculenta Crantz*. E é conhecida como macaxeira e aipim. A mandioca é originária da América do Sul constitui um dos principais alimentos energéticos para mais de 700 milhões de pessoas, principalmente nos países em desenvolvimento. Mais de 100 países produzem mandioca, sendo que o Brasil participa com 10% da produção mundial (é o segundo maior produtor do mundo, depois da Nigéria). Disponível em: <https://www.embrapa.br/mandioca-e-fruticultura/cultivos/mandioca>.

